CAPÍTULO 4

LÍNGUAS DE SINAIS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: ASPECTOS COGNITIVOS E LINGUÍSTICOS

https://doi.org/10.68044/sba77z49

Vilmar Fernando Carvalho Ferreira de Almeida [1]
Mestre em Linguística pela Universidade Federal Santa Catarina (UFSC) e Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR Professor de Libras - Efetivo.

RESUMO: Este artigo analisa a construção de sentidos nas línguas de sinais, com ênfase na Língua Brasileira de Sinais (Libras), articulando aspectos cognitivos e linguísticos. A discussão fundamenta-se em estudos sobre Linguística Cognitiva, corporificação, iconicidade, metáfora e metonímia conceptuais, esquemas imagéticos, espaços mentais, verbo-visualidade, expressões não manuais e recuperação lexical. Parte-se do entendimento de que o significado não decorre apenas de unidades isoladas, mas da integração entre corpo, espaço, experiência perceptiva, organização linguística e contexto discursivo. Evidenciam-se particularidades da modalidade visuoespacial, especialmente a simultaneidade, o papel das configurações de mão, do movimento, da localização, da orientação e das expressões corporais e faciais. Também se examinam processos de tradução e mediação bilíngue como atividades de reconstrução de sentidos. Conclui-se que as línguas de sinais mobilizam mecanismos cognitivos gerais e recursos linguísticos próprios, constituindo sistemas complexos de conceptualização, interação e produção social de significados em diferentes práticas comunicativas, acadêmicas e educacionais contemporâneas brasileiras.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais; Linguística Cognitiva; Construção de sentidos; Iconicidade.

INTRODUÇÃO

A construção de sentidos constitui uma dimensão central de qualquer língua natural, uma vez que a atividade linguística não se reduz à associação mecânica entre formas e conteúdos previamente estabilizados. Nas línguas de sinais, essa questão adquire particular relevância porque a produção e a percepção se organizam em modalidade visuoespacial, mobilizando mãos, braços, tronco, cabeça, expressões faciais, direção do olhar, movimento e uso gramatical do espaço. Tais recursos não representam ornamentos exteriores ao sistema linguístico; integram a organização fonológica, morfológica, sintática, semântica e discursiva e participam diretamente das operações pelas quais os usuários conceptualizam experiências, selecionam perspectivas e negociam interpretações. A reflexão sobre sentido, portanto, exige considerar simultaneamente a estrutura linguística e os processos cognitivos que sustentam a percepção, a memória, a categorização, a inferência e a interação.

O reconhecimento das línguas de sinais como sistemas linguísticos complexos deslocou interpretações que as aproximavam de códigos gestuais auxiliares ou de representações subordinadas às línguas orais. A própria diversidade histórica e cultural dessas línguas evidencia sua autonomia. Nunes sintetiza essa questão ao afirmar que “as línguas de sinais não são universais” (Nunes, 2019, p. 78). A observação é decisiva porque mostra que a visualidade não implica

transparência automática do significado. Ainda que determinados sinais apresentem graus de iconicidade, sua compreensão depende de convenções linguísticas, experiências corporais, conhecimentos culturais e contextos de uso. Assim, a relação entre forma e sentido pode ser motivada, mas não deixa de ser organizada por práticas sociais e por padrões próprios de cada comunidade linguística.

A modalidade também interfere na maneira como relações linguísticas se tornam perceptíveis. Xavier e Ferreira (2021, p. 350) assinalam que as línguas de sinais são produzidas por movimentos das mãos, dos braços, do tronco, da cabeça e dos músculos da face e são percebidas predominantemente pela visão. Os autores destacam, ainda, a recorrência de estruturas simultâneas em diferentes níveis gramaticais. Essa simultaneidade permite que informações de configuração de mão, localização, movimento, orientação e componentes não manuais sejam integradas em uma mesma unidade temporal. Consequentemente, o estudo da construção de sentidos em Libras não pode reproduzir, de modo automático, modelos concebidos para uma linearidade exclusivamente oral-auditiva; é necessário observar como a organização visuoespacial disponibiliza recursos específicos para representar entidades, trajetórias, relações, intensidades, perspectivas e avaliações.

A Linguística Cognitiva oferece instrumentos produtivos para essa discussão porque concebe a linguagem em relação com

capacidades cognitivas gerais e com a experiência corpórea. Nunes (2019, p. 81-82) aproxima o estudo das línguas de sinais de conceitos como corporificação, esquemas imagéticos, metáfora, metonímia e iconicidade cognitiva. Sessa e Bernardo (2021, p. 180-185), por sua vez, analisam processos cognitivos subjacentes à construção de sentido de sinais adjetivos da Libras e mostram a relevância de frames, domínios e espaços mentais. Em conjunto, esses trabalhos permitem compreender que o sentido é construído em redes de relações conceptuais: experiências sensório-motoras, conhecimentos armazenados, padrões culturais e pistas linguísticas são ativados e reorganizados no uso efetivo da língua.

Diante desse quadro, o problema que orienta este artigo pode ser formulado nos seguintes termos: de que modo aspectos cognitivos e linguísticos das línguas de sinais, especialmente da Libras, participam da construção de sentidos? O objetivo geral consiste em analisar, a partir da bibliografia selecionada, as relações entre modalidade visuoespacial, corporificação, iconicidade, processos conceptuais, organização fonético-fonológica, componentes não manuais e contexto discursivo. De modo articulado, busca-se discutir como metáforas e metonímias conceptuais operam na sinalização; compreender o papel de esquemas imagéticos, frames e espaços mentais; examinar evidências de processamento lexical; e refletir

sobre a reconstrução de sentidos em práticas de tradução e mediação bilíngue.

Metodologicamente, desenvolve-se uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter analítico-interpretativo, tomando como corpus teórico principal os estudos disponibilizados pelo usuário para a elaboração deste trabalho. A seleção privilegia pesquisas diretamente relacionadas à Linguística Cognitiva, à iconicidade, à metáfora em Libras, à corporeidade, à verbo-visualidade, à recuperação lexical e à tradução. Não se pretende produzir generalizações experimentais sobre todas as línguas de sinais, mas construir uma síntese argumentativa capaz de mostrar convergências e especificidades entre diferentes perspectivas. O referencial teórico está organizado em subseções que articulam modalidade, cognição, estrutura linguística, discurso e tradução; ao final, as considerações retomam os principais resultados da análise bibliográfica e indicam suas implicações para a compreensão das línguas de sinais como sistemas de conceptualização e produção social de sentidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Línguas de sinais, modalidade visuoespacial e produção de significados

A análise linguística das línguas de sinais requer que a modalidade seja tomada como propriedade constitutiva, e não como simples diferença de suporte. Nunes (2019, p. 78-80) observa que a percepção visual se manifesta no polo fonológico das línguas visuoespaciais por meio de fenômenos que podem envolver corporificação, metáforas, metonímias, esquemas imagéticos e iconicidade. Isso significa que a forma linguística sinalizada se organiza no corpo e no espaço de modo sistemático. O ponto de articulação, por exemplo, pode participar da motivação conceptual de determinados sinais: regiões do corpo não são necessariamente escolhidas ao acaso, e relações entre localização, experiência corporal e significado podem se tornar recorrentes na organização lexical. Essa regularidade, entretanto, não autoriza interpretar todo sinal como mera imitação visual do referente, pois a iconicidade convive com convenções e graus de arbitrariedade.

A descrição de Xavier e Ferreira (2021, p. 349-350) contribui para delimitar esse problema no nível morfológico. Ao examinarem formações lexicais da Libras, os autores discutem o papel da iconicidade na criação de sinais e demonstram que a modalidade

gestual-visual favorece processos de formação em que diferentes componentes podem se combinar simultaneamente. Em vez de compreender a palavra sinalizada apenas como sequência equivalente a uma palavra oral, é mais adequado tratá-la como unidade estruturada por parâmetros que podem se articular ao mesmo tempo. Essa arquitetura abre possibilidades para que relações espaciais, formas de objetos, movimentos e ações sejam parcialmente recrutados na configuração do sinal, sem que a língua deixe de possuir regras de seleção, contraste e combinação.

A construção de sentido emerge justamente do encontro entre essas propriedades estruturais e os conhecimentos mobilizados pelos usuários. Um movimento ascendente, uma mudança de orientação ou uma expressão facial não carregam, isoladamente, um significado universal. Seu valor resulta do modo como participam de uma unidade linguística e de um contexto discursivo. Morais et al. (2022, p. 166-169) defendem que a investigação da Libras precisa partir de sua própria estrutura e mostram que elementos faciais podem integrar a produção de efeitos de sentido. A observação é metodologicamente importante porque evita dois extremos: de um lado, reduzir a língua sinalizada a gesto espontâneo; de outro, desconsiderar que corpo e visualidade são recursos gramaticais e discursivos legítimos.

Linguística Cognitiva, corporificação e experiência

A Linguística Cognitiva parte do pressuposto de que linguagem, percepção, memória, categorização e experiência não constituem módulos completamente isolados. No estudo das línguas de sinais, essa perspectiva encontra terreno especialmente produtivo porque a materialidade corporal é visível no próprio ato linguístico. Nunes (2019, p. 81) relaciona a corporificação à maneira como experiências do corpo participam da conceptualização. Sessa e Bernardo (2021, p. 183-185) ampliam essa discussão ao destacar que conhecimento e significado se organizam por estruturas conceptuais que resultam da interação do indivíduo com o ambiente e com a vida social. Em consequência, falar de corpo na Libras não significa reduzir a língua ao biológico; significa reconhecer que experiências sensório-motoras são culturalmente elaboradas e linguisticamente estruturadas.

A noção de corporificação ajuda a explicar por que certas regiões do corpo e certos padrões de movimento podem ser recrutados na produção de conceitos. Nunes (2019, p. 81) exemplifica que sinais relacionados a ações como pensar, lembrar, aprender e esquecer podem ocorrer próximos à testa, enquanto outros se vinculam a diferentes regiões corporais. A importância do exemplo está menos na busca de uma correspondência natural absoluta e mais na identificação de motivações conceptuais recorrentes. O corpo funciona como domínio de experiência disponível para organizar categorias e

inferências; ao longo do uso, essas relações podem se estabilizar convencionalmente na língua, sofrer mudanças e coexistir com padrões menos transparentes.

> É comum nas línguas que os polos semântico e fonológico de uma estrutura simbólica estejam em regiões distantes do espaço conceitual. A palavra falada para o som de bola, por exemplo, tem pouco em comum com o significado de bola. Essa grande distância no espaço conceitual, resultante da distância entre os polos semântico e fonológico, é a base da arbitrariedade do signo. Entretanto, quando os polos fonológico e semântico de sinais residem na mesma região do espaço conceitual, a arbitrariedade é reduzida. Por isso, na Libras, o sinal BOLA é icônico, tendo em vista que o formato das mãos no polo fonológico representa o formato de uma bola, trazendo, assim, o conceito desse objeto - polo semântico. Um dos motivos da contribuição da representação icônica nas línguas de sinais é que a parte fonológica dos sinais envolve as mãos, o movimento no espaço e a interação com outros objetos. Dessa forma, as concepções de objetos e eventos podem ser iconicamente representadas. (Nunes, 2019, p. 82).

Silva e Machado (2025, p. 93-104) aproximam essa discussão do campo da tradução ao afirmar que o corpo do intérprete participa da própria construção do sentido. Em exemplos analisados pelos autores, intensidade, direção e qualidade de uma cena podem ser reconstruídas por expressões faciais e movimentos que reforçam visualmente determinado conteúdo. O valor dessa análise para o presente artigo reside na demonstração de que a corporeidade é simultaneamente linguística e interpretativa: o corpo não apenas

executa sinais previamente definidos, mas organiza perspectivas, saliências e efeitos expressivos. A produção de sentido depende de decisões sobre como espacializar relações, como representar trajetórias e como combinar componentes manuais e não manuais.

Ribeiro (2021, p. 200-203) também associa cognição e corpo ao discutir tradução visuo-corpórea-espacial. A autora destaca que a compreensão mobiliza estruturas disponíveis na memória, conhecimento perceptivo e processos de simulação. Ao serem ativados em uma situação comunicativa, esses recursos permitem antecipar cenários, organizar relações e construir representações coerentes. Em línguas de sinais, essa dimensão se articula de modo direto ao espaço de sinalização, no qual entidades e acontecimentos podem ser localizados, retomados e relacionados. A cognição, portanto, não funciona como etapa invisível completamente separada da forma: suas operações deixam marcas nas escolhas de perspectiva e na organização espacial da expressão.

Iconicidade cognitiva e relação entre forma e significado

A iconicidade ocupa posição central nos estudos sobre línguas de sinais, mas sua interpretação requer cautela. Uma leitura superficial poderia pressupor que sinais icônicos são autoexplicativos e universalmente compreensíveis. Os dados reunidos por Nunes (2019, p. 77-86) apontam em sentido diferente: ao comparar sinais

correspondentes a APRENDER e ESQUECER em diferentes línguas de sinais, a autora investiga relações icônicas motivadas por processos linguístico-cognitivos e identifica padrões de corporificação, metáfora, metonímia e esquemas imagéticos. A comparação mostra que a experiência humana pode oferecer bases semelhantes para conceptualização, sem produzir necessariamente formas idênticas em todas as línguas.

Na abordagem da iconicidade cognitiva, o foco desloca-se da semelhança puramente perceptível entre sinal e referente para a proximidade entre polos de uma estrutura simbólica. Sessa e Bernardo (2021, p. 185) retomam esse princípio ao explicar que, quanto maior a proximidade entre polo fonológico e polo semântico no espaço conceptual, maior tende a ser o grau de iconicidade; quando a distância aumenta, cresce a arbitrariedade. A vantagem dessa formulação é admitir um contínuo, e não uma oposição rígida. Um sinal pode apresentar componentes fortemente motivados e, ao mesmo tempo, conter aspectos convencionais cuja interpretação depende de conhecimento linguístico específico.

> Outra estrutura conceptual ativada na construção de sentido são os espaços mentais, estruturas conceptuais menos esquemáticas que funcionam operadores do processamento discursivo, ou seja, o espaço da conceptualização, em que estariam operando informações contextuais e linguísticas. Os espaços mentais são mais específicos que frames e domínios,

> porque organizam e ativam material conceptual processado na memória de trabalho, enquanto os dois últimos organizam e estruturam conteúdos conceptuais armazenados na memória de longo prazo. Mesmo quando abordamos os sentidos adjetivais dos sinais da Libras descontextualizados, espaços mentais são ativados, ao pensarmos nos conceitos que expressam, visto que funcionam como base para ativação de frames/domínios e esquemas imagéticos, apesar do contexto menos especificado em uma abordagem lexical. (Sessa; Bernardo, 2021, p. 184).

Xavier e Ferreira (2021, p. 349-382) mostram que a iconicidade também participa de processos de formação lexical. A análise de formações da Libras inclui sinais toponímicos, termos técnicos e outros mecanismos de composição, apontando que aspectos icônicos podem contribuir para a criação de novas unidades. Esse dado é relevante para a produtividade lexical: a visualidade disponibiliza estratégias de motivação que podem favorecer a criação e a memorização, mas os produtos resultantes passam a integrar o sistema e estão sujeitos a variação, convencionalização e mudança. Logo, uma abordagem cognitivo-linguística precisa articular motivação perceptual e organização gramatical, sem reduzir uma à outra.

Metáfora, metonímia, esquemas imagéticos, frames e espaços mentais

A metáfora conceptual constitui outro eixo importante da construção de sentidos. Em vez de ser tratada apenas como figura

estilística, ela é compreendida como operação por meio da qual um domínio de experiência contribui para conceptualizar outro. Sessa e Bernardo (2021, p. 184) retomam a formulação segundo a qual a metáfora envolve compreender e experienciar uma coisa em termos de outra, enfatizando que essa relação se articula a frames, domínios, esquemas imagéticos e espaços mentais. Nas línguas de sinais, projeções metafóricas podem aparecer combinadas a movimentos, localizações e expressões não manuais, fazendo com que aspectos corporais e espaciais participem da própria estruturação do conceito.

Os esquemas imagéticos funcionam como padrões altamente esquemáticos derivados de recorrências sensório-motoras. Sessa e Bernardo (2021, p. 183) descrevem-nos como estruturas que capturam contornos da experiência e integram informações de múltiplas modalidades. Em Libras, esquemas como CONTÊINER, CAMINHO, ESCALA, FORÇA, CHEIO-VAZIO e PARTE-TODO podem oferecer bases para organizar relações abstratas. Nunes (2019, p. 81) exemplifica essa operação ao relacionar movimentos para cima e para baixo a esquemas escalares. O ponto relevante não é supor uma equivalência fixa entre direção e valor, mas reconhecer que experiências recorrentes de orientação espacial podem ser recrutadas como recursos de conceptualização.

As metonímias conceptuais, por sua vez, operam por relações de contiguidade dentro de um domínio conceptual. Nunes (2019, p.

81) exemplifica o processo com o sinal CASA, no qual a representação do telhado pode funcionar como gatilho para a conceptualização do todo, configurando uma relação do tipo TELHADO POR CASA. Sessa e Bernardo (2021, p. 189-195) identificam projeções metonímicas em sinais relacionados a emoções, envolvendo expressão não manual, intensidade e direção de movimento, contato e contenção. Esses casos mostram que componentes visíveis da sinalização podem destacar partes salientes de uma experiência e direcionar a atenção para conteúdos mais amplos.

A análise do sinal VENCER realizada por Alexandre, Sousa Júnior e Nascimento (2020, p. 128-145) oferece um exemplo específico da interação entre iconicidade e metáfora. Os autores investigam usos do sinal em diferentes contextos comunicativos e identificam a metáfora COMPETIÇÃO É CORRIDA, associada a um duplo mapeamento: um mapeamento icônico, relacionado à forma do sinal, e outro metafórico, relacionado ao significado conceptual. Foram descritos diferentes contextos, como jogos, eleições, discussões, superação e outras situações, revelando que uma mesma forma pode participar de extensões semânticas diversas sem perder completamente sua sistematicidade.

Frames e domínios complementam essa explicação ao representarem estruturas de conhecimento que tornam um conceito inteligível em relação a outros. Sessa e Bernardo (2021, p. 183-184)

ressaltam que compreender um elemento de um frame pressupõe ativar uma estrutura maior de conceitos relacionados. Em situações concretas de sinalização, a identificação do gênero discursivo, dos participantes e do tema contribui para selecionar o frame pertinente. Um mesmo movimento ou uma mesma configuração de mão pode participar de construções diferentes, e a interpretação adequada depende das relações que se tornam salientes naquele contexto. A construção de sentidos, portanto, é seletiva: entre múltiplas informações disponíveis, o sistema cognitivo destaca aqueles relevantes para o cenário em curso.

Os espaços mentais permitem compreender a atualização dinâmica dessas estruturas durante o discurso. Conforme Sessa e Bernardo (2021, p. 184), eles operam no processamento discursivo e articulam informações contextuais e linguísticas na memória de trabalho. Ribeiro (2021, p. 200) aproxima essa noção da integração conceptual e afirma que relações entre domínios podem gerar novos sentidos a partir de estímulos do processo comunicativo. Em línguas de sinais, o espaço de sinalização pode fornecer suporte perceptível para algumas dessas operações, permitindo estabelecer referentes, contrastes, deslocamentos e perspectivas. É importante, contudo, distinguir o espaço físico da teoria dos espaços mentais: o primeiro é recurso material da língua; os segundos são construções cognitivas mobilizadas na conceptualização.

Verbo-visualidade, expressões não manuais e contexto discursivo

A construção de sentidos em Libras não depende somente dos componentes manuais. Expressões faciais, movimentos da cabeça, postura corporal, boca e direção do olhar podem desempenhar funções fonológicas, morfossintáticas, discursivas e pragmáticas. Morais et al. (2022, p. 166-176) examinam especificamente expressões de boca em texto acadêmico sinalizado e mostram que os efeitos de satisfação e insatisfação se realizam em contexto sócio-discursivo. A pesquisa enfatiza que determinados elementos visíveis não devem ser interpretados fora da situação enunciativa, porque seu valor depende da intenção comunicativa e da articulação com os demais componentes do enunciado.

A noção de verbo-visualidade é relevante porque permite tratar o texto sinalizado como unidade cuja compreensão emerge da integração de dimensões que, em outras modalidades, poderiam ser analisadas separadamente. Morais *et al*. (2022, p. 168-169) sustentam que o sentido não está preso a uma estrutura fixa e que o contexto de produção condiciona a interpretação. Na análise apresentada pelos autores, a expressão de boca pode acrescentar valoração, simpatia, dúvida ou outros efeitos ao sinal, sem necessariamente constituir um morfema lexical autônomo. Assim, a mesma configuração manual pode participar de enunciados com nuances diferentes quando

combinada a componentes não manuais e a objetivos discursivos distintos.

A escrita de sinais aparece, nesse debate, como recurso de registro e análise da materialidade linguística. Ao discutir a possibilidade de registrar estruturas visuais, Morais *et al*. (2022, p. 167) recuperam uma formulação sobre as funções da escrita em língua de sinais. Em citação de citação, registra-se que ela é "uma forma gráfica que está apta a assegurar as funções da escrita, da possibilidade de distanciamento da língua, passando pelo armazenamento e transmissão de informação" (Boutora, 2003, p. 95 *apud* Stumpf, 2005, p. 96). O interesse dessa passagem, no presente artigo, está em destacar que a documentação gráfica pode favorecer a reflexão metalinguística sobre parâmetros e efeitos de sentido, ainda que não substitua a observação do texto sinalizado em vídeo e em contexto.

Recuperação lexical e organização fonético-fonológica

O estudo da recuperação lexical acrescenta evidências importantes sobre a arquitetura linguística e cognitiva da Libras. Arnone e Barbosa (2022, p. 20-34) investigaram o fenômeno "ponta dos dedos" em adultos surdos usuários de Libras, tomando como referência o conhecido fenômeno "ponta da língua" das línguas orais. Os participantes receberam estímulos visuais e deveriam produzir sinais correspondentes a nomes próprios. Em algumas ocorrências,

demonstravam conhecer o item lexical, mas não conseguiam recuperar imediatamente sua forma completa. Esse tipo de ocorrência permite observar, em tempo real, quais informações permanecem acessíveis e quais apresentam atraso no processamento.

Os resultados descritos pelos autores mostram que, entre 2.346 estímulos, ocorreram 20 casos identificados como fenômeno “ponta dos dedos”, equivalentes a 0,9% do total; 13 dos 34 participantes apresentaram ao menos uma ocorrência (Arnone; Barbosa, 2022, p. 26). A baixa frequência não diminui o valor analítico do fenômeno, porque sua ocorrência é naturalmente ocasional. Mais importante é o padrão de recuperação parcial: em todos os casos, ao menos um aspecto fonético-fonológico do sinal foi recuperado, e em 95% das ocorrências apareceram dois ou mais parâmetros (Arnone; Barbosa, 2022, p. 27). Esses dados demonstram que o acesso lexical pode preservar partes da forma enquanto o item completo ainda não está disponível.

A distribuição dos parâmetros recuperados também oferece pistas sobre a organização fonológica. Arnone e Barbosa (2022, p. 27-29) relatam percentuais diferenciados para número de mãos, espaço geral, localização, configuração de mão, orientação e movimento. O movimento foi o parâmetro menos recuperado, enquanto localização, configuração de mão e orientação apresentaram comportamento que levou os autores a discutir sua participação no segmento inicial da

estrutura do sinal. A análise reforça que a forma sinalizada não é um bloco indivisível: seus componentes podem ter estatutos diferenciados no processamento e podem ser parcialmente acessados durante uma falha momentânea de recuperação.

> A ocorrência do fenômeno "ponta dos dedos" confirma o processamento da recuperação lexical em dois estágios: de codificação semântica e codificação fonológica [...], pois no momento do TOF, o indivíduo é capaz de recuperar informações semânticas do sinal, porém encontra problemas no processamento do lexema, isto é, na sua codificação fonológica. Por isso, no momento do TOF, é possível recuperar algum ou alguns aspectos fonético-fonológicos do sinal em TOF, mas o processamento completo não ocorre, ou demora para acontecer. [...] Desse modo, foi possível observar a ocorrência do fenômeno "ponta dos dedos" na Libras e analisar a recuperação lexical da língua de sinais pura e minimamente mediada por uma língua oral. (Arnone; Barbosa, 2022, p. 29).

Nesse ponto, a articulação entre abordagens cognitivas e fonológicas torna-se especialmente produtiva. A Linguística Cognitiva explica como significados são construídos mediante experiências, categorias e redes conceptuais; a investigação fonológica mostra como esses significados precisam ser codificados em formas específicas para serem produzidos e reconhecidos. A construção de sentidos não prescinde da forma. Sem os contrastes entre configuração, localização, movimento, orientação e componentes não manuais, não haveria sistema compartilhado capaz de estabilizar distinções e possibilitar

interpretação. A cognição, portanto, opera sobre e com estruturas linguísticas, e não em lugar delas.

Tradução, interpretação e reconstrução de sentidos

A tradução entre português e Libras constitui um campo privilegiado para observar a construção de sentidos porque torna explícita a impossibilidade de equivalência palavra por palavra. Sistemas de modalidades diferentes organizam informação de maneiras próprias, e o tradutor-intérprete precisa reconstruir relações conceptuais, discursivas e pragmáticas na língua-alvo. Ribeiro (2021, p. 191-210) aproxima os estudos da tradução da Linguística Cognitiva e propõe compreender a atuação do profissional como processo visuo-corpóreo-espacial, no qual percepção, memória, frames, simulação e experiência corporal participam das escolhas.

A integração conceptual é um dos mecanismos destacados nesse processo. Ribeiro (2021, p. 200) assinala que domínios e estruturas de conhecimento podem ser relacionados para produzir novos significados a partir de estímulos comunicativos. Em uma interpretação simultânea, o profissional precisa compreender a mensagem, selecionar informações relevantes, antecipar possíveis desenvolvimentos do discurso e construir uma forma compatível com a organização da Libras. Essa atividade não se resume à busca de um item lexical correspondente; exige a manutenção de referentes, a

configuração do espaço, a escolha de perspectivas e a combinação de sinais com expressões não manuais.

> A corporalidade, mente corpórea, língua corporificada, são termos para a mesma definição: que a língua se constrói em inputs e outputs linguísticos nas relações espaciais que nosso cérebro é capaz de promover a partir de nossas experiências visuais; que o movimento corporal revela reações a partir de relações de sentido produzidas no ambiente; e que os conceitos aspectuais produzidos em simulações neurais do movimento revelam a estrutura de nossas ações produzidas cognitivamente (Ribeiro, 2021, p. 203).

Silva e Machado (2025, p. 93-104) aprofundam essa discussão ao analisar corporeidade e transcriação. Os autores sustentam que a tradução literal pode não transmitir integralmente o sentido quando desconsidera recursos estéticos, corporais e espaciais da Libras. No exemplo de “muita chuva”, discutido no artigo, expressões faciais e movimentos repetidos colaboram para representar intensidade e direção, produzindo uma reconstrução sensorial do conteúdo. A análise mostra que o significado tradutório não está apenas no item lexical CHUVA, mas na composição de parâmetros e escolhas expressivas que constroem a cena para o público sinalizante.

Albres, Silva e Santos (2021, p. 49-53) chegam à conclusão convergente ao analisar a revisão de tradução de português para Libras. A revisão não se limita a detectar equivalências formalmente corretas; envolve avaliar efeitos de sentido, adequação ao texto de

chegada e opções possíveis dentro de uma zona de escolhas. Essa compreensão é coerente com uma concepção dialógica de linguagem, na qual significados não existem totalmente separados dos sujeitos e das situações de circulação. Revisar uma tradução significa, portanto, reexaminar a forma como relações discursivas foram reconstruídas e se a versão em Libras produz um texto coerente para seu público.

A tradução também evidencia o papel da memória de longo prazo e dos frames. Ribeiro (2021, p. 201-202) observa que reconhecer o tipo de texto e o cenário enunciativo permite antecipar expectativas sobre a sequência discursiva e orientar decisões rápidas. Um tradutor que identifica um discurso acadêmico, uma narrativa ou um texto instrucional ativo conhecimentos distintos sobre estrutura, papéis e propósitos. Esses conhecimentos funcionam como molduras que ajudam a interpretar unidades locais. Na Libras, a representação espacial desses cenários pode se tornar visível na distribuição de referentes e na alternância de perspectivas, mostrando como operações cognitivas abstratas se articulam a recursos materiais da língua.

Visualidade, mediação bilíngue e circulação social dos sentidos

A construção de sentidos não se encerra na produção individual do enunciado; ela se realiza na circulação social da língua. Em contextos educacionais bilíngues, essa dimensão se torna visível porque estudantes surdos transitam entre Libras e português escrito,

mobilizando repertórios distintos e estratégias de mediação. Oliveira e Codendey (2025, p. 73-80) relatam uma experiência em que cartuns, imagens e outros recursos multimodais funcionaram como disparadores para a interpretação, articulando o contexto visual à Libras e ao português. O estudo mostra que a visualidade pode organizar pontes de compreensão quando está inserida em práticas discursivas significativas, e não quando é utilizada como mero adorno ilustrativo.

Portanto, os aspectos cognitivos e linguísticos analisados ao longo deste referencial têm consequências para práticas sociais. Compreender corporificação, iconicidade, metáfora, processamento lexical e verbo-visualidade permite interpretar a Libras como sistema capaz de produzir conhecimento, argumentação, narrativas e textos especializados. A visualidade não limita a abstração; oferece recursos próprios para conceptualizá-la. A experiência corporal não substitui a gramática; participa de sua motivação e de seu uso. O contexto não dissolve o significado; seleciona e atualiza possibilidades construídas historicamente pela comunidade. É nessa articulação que a língua de sinais se configura como espaço de produção e negociação de sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida permite concluir que a construção de sentidos nas línguas de sinais resulta da interação entre propriedades

linguísticas específicas da modalidade visuoespacial e mecanismos cognitivos gerais de conceptualização. Os estudos examinados convergem na rejeição de duas reduções: a primeira considera a língua sinalizada simples conjunto de gestos transparentes; a segunda tenta descrevê-la exclusivamente por categorias transplantadas das línguas orais. A Libras apresenta estrutura própria, organizada por parâmetros manuais e não manuais, processos de formação lexical, relações semânticas e recursos discursivos. Ao mesmo tempo, seus usuários mobilizam memória, categorização, inferência, frames, espaços mentais e experiências corporificadas para produzir e interpretar enunciados.

A iconicidade, igualmente, deve ser compreendida em termos graduais e cognitivos. Nunes (2019), Xavier e Ferreira (2021) e Sessa e Bernardo (2021) mostram que a proximidade entre forma e significado pode favorecer relações motivadas sem eliminar a arbitrariedade. A iconicidade participa da formação de sinais, da organização lexical e da interpretação, mas é processada dentro de redes conceptuais e convenções linguísticas. Esse resultado é particularmente importante para evitar a falsa ideia de que um sinal icônico seria universal ou dispensaria aprendizagem. A compreensão depende do reconhecimento de padrões compartilhados e da integração do sinal ao contexto.

Metáforas, metonímias, esquemas imagéticos, frames e espaços mentais oferecem uma explicação integrada para extensões de sentido e operações inferenciais. A análise de VENCER realizada por Alexandre, Sousa Júnior e Nascimento (2020) evidencia que um mesmo sinal pode participar de diferentes contextos metafóricos mediante relações sistemáticas. Sessa e Bernardo (2021) demonstram que sinais relacionados a emoções podem mobilizar padrões espaciais, corporais e não manuais associados a projeções conceptuais. Esses achados indicam que a abstração em Libras não é menor em razão da modalidade visual; ao contrário, a língua dispõe de recursos complexos para organizar conceitos abstratos a partir de experiências perceptivas e culturais.

Os dados de Arnone e Barbosa (2022) acrescentam evidências sobre o processamento da linguagem. O fenômeno "ponta dos dedos" mostra que um usuário pode recuperar informação semântica e apenas parte da configuração fonético-fonológica do sinal, revelando estágios diferenciados de acesso lexical. Esse resultado confirma a necessidade de distinguir níveis de representação sem separá-los de maneira absoluta. Construir sentido exige acesso ao conteúdo conceptual, mas comunicar esse conteúdo depende de uma forma linguística organizada e reconhecível. A modalidade sinalizada apresenta, portanto, processos de codificação lexical complexos e passíveis de investigação experimental em seus próprios termos.

Em resposta ao problema proposto, pode-se afirmar que aspectos cognitivos e linguísticos participam inseparavelmente da construção de sentidos nas línguas de sinais. A forma visuoespacial fornece recursos específicos de codificação; a cognição organiza experiências e conhecimentos; e o contexto social seleciona, atualiza e negocia interpretações. O significado emerge dessa rede, não de um único componente. Como agenda de pesquisa, mostram-se relevantes estudos com corpora ampliados de Libras, investigações experimentais sobre processamento, análises comparativas entre diferentes línguas de sinais e trabalhos que examinem gêneros acadêmicos, literários e digitais. Tais caminhos podem aprofundar a compreensão da relação entre modalidade, cognição e uso e contribuir para uma descrição linguística cada vez mais fundamentada das línguas de sinais.

Como limite, a síntese aqui realizada concentra-se majoritariamente em pesquisas sobre a Libras e em estudos que focalizam fenômenos específicos, como iconicidade, metáfora, expressões não manuais, recuperação lexical e tradução. Essa delimitação impede extrapolar automaticamente as conclusões para todas as línguas de sinais e para todos os gêneros discursivos. Ainda assim, a diversidade dos materiais analisados permite reconhecer um princípio consistente: a produção de sentidos depende da articulação entre forma linguística, experiência, processamento cognitivo e

contexto de interação. A continuidade das pesquisas pode explorar corpora naturais mais extensos, comparar sinalizantes de diferentes regiões e gerações, investigar variação lexical e discursiva e examinar, com métodos experimentais e corpus-based, como pistas manuais e não manuais são integradas durante a compreensão. Também se mostra pertinente ampliar a participação de pesquisadores surdos na formulação de categorias analíticas e na interpretação dos dados, de modo que a descrição linguística dialogue com experiências de uso efetivo da língua e fortaleça abordagens que tomem a Libras como objeto autônomo de investigação científica.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva Aquino; SILVA, Marília Duarte; SANTOS, Ana Gabriela Dutra. Revisão de tradução de Português para a Libras: revivendo a construção de sentidos à luz de uma concepção bakhtiniana de linguagem. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 55, p. 49-71, jan./jun. 2021. Disponível em: https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1641. Acesso em: 10 jul. 2026.

ALEXANDRE, Leila Rachel Barbosa; SOUSA JÚNIOR, Mário Augusto Silva; NASCIMENTO, Geisymeire Pereira do. O duplo mapeamento do sinal “vencer” em contextos metafóricos em Libras. **Revista Linguíʃtica**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 128-145, set./dez. 2020. DOI: https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16n3a37507. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/37507. Acesso em: 15 jul. 2026.

ARNONE, Juliane Farah; BARBOSA, Felipe Venâncio. A recuperação lexical e o fenômeno “ponta dos dedos” na Libras. **SCIAS Língua de Sinais**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 20-34, jul./dez. 2022. DOI: https://doi.org/10.36704/sciasls.v1i1.6855. Disponível em: https://revista.uemg.br/sciasls/article/view/6855. Acesso em: 22 jul. 2026.

BOUTORA, Leita. Étude des systèmes d’écriture des langues vocales et des langues signées. **Paris: Université Paris VIII**, 2003. Mémoire de D.E.A. des Sciences du Langage.

MORAIS, Carla Damasceno de; ALVES, Edneia de Oliveira; OLIVEIRA FILHO, João Batista Alves de; SARAIVA, Maria Aparecida Marques; SILVA, Thiago Dias da. Análise de sentido da sinalização das expressões de boca (satisfeito e insatisfeito) em texto acadêmico. **SCIAS Língua de Sinais**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 163-179, jul./dez. 2022. DOI: https://doi.org/10.36704/sciasls.v1i1.6767. Disponível em: https://doi.org/10.36704/sciasls.v1i1.6767. Acesso em: 28 jul. 2026.

NUNES, Valeria Fernandes. Contribuições da Linguística Cognitiva para o estudo de línguas de sinais. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 81, p. 77-86, set./dez. 2019. DOI: https://doi.org/10.17058/signo.v44i81.13717. Disponível em: https://seer.unisc.br/index.php/signo/article/view/13717. Acesso em: 31 jul. 2026.

OLIVEIRA, Ronaldo Gonçalves de; CODENDEY, Jaqueline Nunes. Visualidade e mediação bilíngue no ensino de português como L2: bidocência e construção de sentidos com alunos surdos. **Revista Arqueiro**, Rio de Janeiro, n. 48, p. 73-87, 2025. DOI: https://doi.org/10.20395/re.2025.48.73-87. Disponível em: https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-arqueiro/article/view/1968. Acesso em: 1 set. 2026.

RIBEIRO, Veridiane Pinto. Linguística Cognitiva e línguas de sinais: por uma tradução visuo-corpórea-espacial. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 55, p. 191-210, jan./jun. 2021. Disponível em: https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1647. Acesso em: 3 set. 2026.

SESSA, Glênia Aguiar Belarmino da Silva; BERNARDO, Sandra Pereira. Sinais adjetivos da Libras em uma abordagem cognitiva. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 15, n. 32, p. 180-200, 2021. DOI: https://doi.org/10.47456/cl.v15i32.35890. Disponível em: https://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/pt_BR/article/view/35890. Acesso em: 5 set. 2026.

SILVA, Rafael Monteiro da; MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais. **Revista Linguíʃtica**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 93-113, maio/ago. 2025. DOI: https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a68252. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/68252. Acesso em: 7 set. 2026.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting**: língua de sinais no papel e no computador. 2005. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

XAVIER, André Nogueira; FERREIRA, Daiane. A iconicidade em processos de formação de sinais da Libras. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 349-382, jul./dez. 2021. DOI: https://doi.org/10.35520/diadorim.2021.v23n2a40803. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/40803. Acesso em: 9 set. 2026.